

REVISTA COMITIVA

Informativo oficial do
Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho
ANO XXXVI - EDIÇÃO 459 - SETEMBRO 26

RECICLAGEM RECORDE



Como o agro sul-mato-grossense
lida com o **descarte de defensivos**

**Segurança para
o patrimônio, para
o bolso e para
a porteira**

**Reciclagem
recorde:**
como o agro
sul-mato-grossense
lida com o descarte de
defensivos

**Capital
do Agro**



SRCG

CAMPO GRANDE
ROCHEDO
CORGUINHO

ÍNDICE

- 04 Reciclagem de embalagens de defensivos agrícolas: o produtor está fazendo a sua parte
- 05 Segurança para o patrimônio, para o bolso e para a porteira: os três pilares debatidos no café da manhã do Sindicato Rural
- 06 El Niño em debate: clima não deve comprometer a safra 2026/2027 em Mato Grosso do Sul
- 08 Reciclagem recorde: como o agro sul-mato-grossense lida com o descarte de defensivos
- 12 Chuvas acima da média devem marcar o Centro-Sul em setembro
- 14 CBC: o selo que promete unir ciência, produtividade e valorização da carne brasileira
- 18 Eleições, economia e cooperativismo: os temas que moveram o Encontro Novilho Precoce MS
- 19 Marcelo Bertoni: representatividade é presença, não reação
- 21 O Agro é um só: cooperativismo derruba a falsa divisão entre pequeno e grande produtor
- 24 Capital do Agro: como Campo Grande diversificou sua economia sem perder as raízes rurais
- 28 Sementes do futuro: como as escolas do campo formam a próxima geração de produtores rurais
- 29 Proteção e segurança para quem vive do campo
- 30 Aniversariantes de setembro
- 31 Agenda de Cursos de setembro
- 32 Classificados / Mural de oportunidades

DIRETORIA GESTÃO 2025/2028

Presidente – José Eduardo Duenhas Monreal

1º Vice-presidente – Luiz Felipe Orro

2º Vice-presidente – Eleiza Moraes Machado

1º Secretário – Giulian Rios

2º Secretário – Ronan Rinaldi Salgueiro

1º Tesoureiro – Huang Jean Paul

2º Tesoureiro – Alessandro O. Coelho



Rua Raul Pires Barbosa, nº 116
Miguel Couto – Cep 79031-010
Campo Grande/MS

Contatos:
(67) 3341-2151 | 3341-2696
srcg@srcg.com.br

PRODUÇÃO
EDITORIAL

Agência
SOABRASIL

(67) 99125-0670
Rua Ibirapuera, 549

Reciclagem de embalagens de defensivos agrícolas: o produtor está fazendo a sua parte

O produtor rural de Mato Grosso do Sul tem dado, ano após ano, uma demonstração concreta de responsabilidade ambiental. A devolução correta das embalagens vazias de defensivos agrícolas, com a tríplice lavagem e o encaminhamento às unidades de recebimento do inpEV (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias), deixou de ser exceção para se tornar rotina no campo sul-mato-grossense. É um hábito consolidado, fruto de anos de orientação técnica, fiscalização e, sobretudo, de consciência.

Os números confirmam esse compromisso. O Sistema Campo Limpo, através do InpPEV que organiza a logística reversa das embalagens no país, já destina corretamente mais de 95% de todo o material recolhido sendo a grande maioria enviada para reciclagem. Mato Grosso do Sul responde por uma fatia relevante desse resultado nacional, ficando entre os estados que mais devolvem embalagens ao sistema, atrás apenas de estados com área plantada muito maior. Hoje o Estado conta com oito unidades do inpEV, distribuídas entre Campo Grande, Chapadão do Sul, São Gabriel do Oeste, Rio Brilhante, Dourados, Naviraí e Ponta Porã. Só a unidade da capital processa, em média, entre 55 e 60 toneladas de embalagens por mês, e já destinou corretamente 450 toneladas apenas neste ano. Não é exagero dizer que, nesse ponto, o produtor cumpriu e tem cumprido a sua parte.

O problema é que a outra ponta dessa corrente precisa acompanhar o mesmo ritmo. O crescimento da área plantada com o consequente aumento no uso de defensivos e a própria eficiência da fiscalização vêm elevando ano a ano o volume de embalagens que chega às unidades de recebimento. Um fluxo mensal de 55 a 60 toneladas, como o registrado só em Campo Grande, exige espaço físico, logística de retirada e mão de obra compatíveis. O volume, no entanto, vem crescendo em ritmo mais acelerado do que a capacidade instalada com a expansão de culturas como a laranja, o amendoim e o eucalipto na região e tem elevado significativamente a demanda por descarte correto das embalagens, criando o que o próprio setor já reconhece como um gargalo operacional. Quando a capacidade de armazenamento não cresce na mesma proporção, o resultado é previsível: filas mais longas, prazos mais apertados para o produtor devolver o material dentro do período legal e o risco real de embalagens se acumularem na propriedade além do que a lei permite um problema que não é do produtor, mas que recai sobre ele.

É por isso que o SRCG defende, com todas as letras, a ampliação da capacidade de armazenamento das unidades do inpEV em nossa região. Não se trata de pedir um favor à indústria, mas de reconhecer uma via de mão dupla: se o setor produtivo cumpre sua responsabilidade compartilhada devolvendo as embalagens como mostram as 450 toneladas já destinadas somente em Campo Grande neste ano, a estrutura de recebimento precisa ter fôlego para acompanhar esse volume com mais espaço físico, mais frequência de retirada e, onde for necessário, novos pontos de coleta que reduzam a distância percorrida pelo produtor nas sete regiões já atendidas pelo Estado.

É muito importante sensibilizar as empresas fabricantes, revendas e produtores para que esse aumento seja atendido evitando gargalos no processo.

Um abraço a todos e vamos em frente!



*José Eduardo
Duenhas Monreal*

Presidente do Sindicato
Rural de Campo Grande,
Rochedo e Corguinho





Segurança para o patrimônio, para o bolso e para a porteira:

os três pilares debatidos no café da manhã do Sindicato Rural

Encontro reuniu especialistas em direito sucessório, tributação rural e segurança pública para mostrar aos produtores como proteger o que foi construído com décadas de trabalho.

Nem sempre o maior risco para uma propriedade rural está do lado de fora da porteira. Foi essa a reflexão que atravessou mais um café da manhã promovido pelo Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho, que reuniu associados para discutir três frentes que, à primeira vista, parecem distintas, mas convergem para um mesmo objetivo: preservar o patrimônio construído pelo produtor rural, seja diante da sucessão, do fisco ou do crime.



foto: William Mendes

O advogado Mauro Fernando de Arruda Mendes abriu o encontro com um relato pessoal que ilustra bem o problema. Quando seu pai sofreu um AVC e passou 40 dias internado, ele, já com mais de dez anos de advocacia, descobriu que a família corria o risco de perder boa parte do patrimônio construído ao longo de uma vida. O imóvel, adquirido por R\$ 250 mil havia sido avaliado pela prefeitura em R\$ 3 milhões — e um inventário naquelas condições poderia gerar uma perda patrimonial superior a R\$ 1,3 milhão, somando ITCMD, honorários, custas cartorárias, deságio de venda e imposto sobre ganho de capital. "Se você não se organizar, a sua família certamente vai empobrecer", resumiu.

A alternativa apresentada por Mendes é a holding familiar, mecanismo que transfere os bens para uma empresa — batizada por ele de "empresa-cofre" — cujas cotas ficam sob controle dos patriarcas até que decidam repassá-las aos herdeiros, em vida ou não. Diferentemente do inventário, que calcula os tributos sobre o valor de mercado atualizado do imóvel, a holding permite a integralização pelo valor histórico declarado no imposto de renda, reduzindo drasticamente a carga tributária. O alerta, porém, veio acompanhado de ressalvas: contratos genéricos, cláusulas mal redigidas ou confusão entre holding e empresa agropecuária podem gerar mais risco do que proteção. "CNPJ não é holding", afirmou, destacando a importância de profissionais especializados e de um estudo prévio da realidade de cada família antes de qualquer integralização de bens.

Na sequência, a advogada Giovana Zampieri Omena, do sistema Famasul, tratou de um imposto que gera dúvidas recorrentes entre os produtores: o ITR. Com prazo de entrega entre 10 de agosto e 30 de setembro, o imposto passou por mudanças significativas em 2026. Propriedades acima de 100 hectares deixaram de usar o antigo programa e agora declaram diretamente pelo portal da Receita Federal. Giovana chamou atenção para a importância de excluir corretamente da base de cálculo as áreas não tributáveis, como reserva legal e áreas de preservação permanente, sempre amparadas pelo recibo do CAR, e para o direito do produtor de contestar, com laudo técnico próprio, valores de terra nua que considere incompatíveis com a realidade de sua propriedade. Em Campo Grande, o valor médio subiu 15,79% em relação a 2025; em Rochedo, 7,76%; já em Corguinho houve redução.

Fechando o encontro, o tenente-coronel Maurício Pavão Flores, comandante do Batalhão de Polícia Militar Rural, tratou de um problema que vem preocupando o setor: o furto de fiação e componentes de sistemas de pivô de irrigação, cujo investimento chega a R\$ 35 mil por hectare. Desde maio, foram registradas 13 ocorrências no estado, concentradas em Ribas, Jaraguari, Corguinho e Campo Grande. A recomendação é direta: câmeras, alarmes independentes de energia elétrica, iluminação com sensor de movimento e cabos concretados no solo reduzem drasticamente a chance de um crime — tudo isso por menos de 1% do valor do próprio sistema de irrigação. "Um investimento barato que ajuda muito", resumiu o comandante, lembrando ainda que Mato Grosso do Sul é considerado o estado mais seguro do país, com quedas de até 50% em furtos nos últimos quatro anos.

Os três temas, à primeira vista técnicos, carregam uma mensagem comum: proteger o patrimônio rural exige planejamento contínuo, informação qualificada e, sobretudo, a decisão de agir antes que o problema apareça.



foto: William Mendes

El Niño em debate

clima não deve comprometer a safra 2026/2027
em Mato Grosso do Sul

Climatologista Luiz Carlos Molion apresenta ao Sindicato Rural análise que contraria o alarmismo em torno do fenômeno climático e projeta cenário favorável para a próxima safra na região.

Em um momento de temperaturas elevadas e de um El Niño classificado como forte, a incerteza climática se tornou uma das maiores preocupações do produtor rural às vésperas do plantio da soja. Foi para dar respostas técnicas a esse cenário que o Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho promoveu um evento com o climatologista Luiz Carlos Molion, referência nacional no estudo da dinâmica climática, para uma análise detalhada das perspectivas para os próximos meses e para a década. O público superou as expectativas dos organizadores, reflexo direto da ansiedade do setor diante das oscilações climáticas recentes.



Ex-professor universitário e hoje dedicado quase que exclusivamente a palestras para o público do agronegócio, Molion abriu sua apresentação desmistificando o próprio fenômeno que tem dominado o noticiário. Segundo ele, o El Niño, isoladamente, é apenas o aquecimento das águas do Pacífico. Quem de fato determina mudanças no regime de chuvas é a atmosfera, por meio de um mecanismo conhecido como Oscilação Sul, que mede a variação da pressão atmosférica entre Darwin, no norte da Austrália, e o Taiti, na Polinésia Francesa. "Se temos água quente, e não há interação com a atmosfera, nada acontece: as chuvas continuam normais", explicou o climatologista, atribuindo o aquecimento anômalo das águas a um terremoto ocorrido no nordeste do Japão em abril. Passados quatro meses, segundo ele, a atmosfera ainda não respondeu ao fenômeno, e a chance de resposta a partir de setembro é considerada baixa, especialmente porque o deslocamento do sol para o hemisfério sul deve iniciar a estação chuvosa de forma mais robusta.





Diante desse quadro, a projeção do especialista para Mato Grosso do Sul e para o oeste do estado de Mato Grosso é de normalidade. Já para as regiões que vão do leste mato-grossense em direção ao litoral, Molion prevê um possível atraso no início da estação chuvosa, com outubro mais seco e uma retomada gradual das chuvas em novembro e dezembro. A partir de janeiro, contrariando os modelos climáticos que vinham sinalizando risco de estiagem prolongada, o climatologista espera chuvas regulares até março, o que, combinado à disponibilidade de radiação solar essencial à fotossíntese, pode resultar em uma safra 2026/2027 "bastante boa".

O alerta do especialista recaiu, na verdade, sobre outra região do planeta. Nos Estados Unidos, um veranico severo em julho, justamente durante o período reprodutivo de milho e soja, já provocou queda mensurável na condição das lavouras: o milho avaliado em boas condições caiu de 67% para 57% entre junho e agosto, a soja recuou de 65% para 60%, e o algodão despencou de 44% para 37%. O dado reforça que o impacto climático não deve ser avaliado de forma genérica, mas sim regionalizado, e que o Brasil, neste ciclo, não está entre os territórios mais expostos ao risco.

Molion também chamou atenção para uma tendência de médio prazo: nos próximos anos, a estação seca no Centro-Oeste deve se alongar entre duas e quatro semanas, dependendo do ano, um dado relevante para o planejamento de safrinha e para decisões sobre calendário de plantio.

Ao encerrar, o climatologista deixou uma recomendação direta ao produtor: agir com normalidade. "O produtor tem que trabalhar como se nada fosse acontecer, um ano normal, porque essa safra pode ser bastante boa", afirmou, reforçando que o alarmismo em torno do El Niño não encontra respaldo nos dados observados até o momento. Em um setor cada vez mais dependente de informação técnica para tomada de decisão, encontros como este reafirmam o compromisso do Sindicato Rural em aproximar ciência e produção, oferecendo ao associado subsídios concretos para planejar com segurança os próximos meses.

EL NIÑO SUPER?

Reciclagem recorde:

como o agro sul-mato-grossense
lida com o descarte de defensivos



Campo Limpo:

quando a embalagem vazia também é responsabilidade do produtor



No Dia Nacional do Campo Limpo, unidade de Campo Grande abre as portas para mostrar o destino de milhares de embalagens de defensivos agrícolas e reforça a parceria entre Sindicato Rural, INPEV e estudantes do SENAR.

Poucas pessoas param para pensar no que acontece com uma embalagem de defensivo agrícola depois que seu conteúdo é usado na lavoura. Foi justamente para responder a essa pergunta que o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (Inpev) abriu as portas de sua unidade em Campo Grande, em celebração do Dia Nacional do Campo Limpo, celebrado simultaneamente em todo o país. O evento reuniu produtores rurais, revendas, cooperativas, órgãos públicos e uma turma de estudantes do curso técnico em agropecuária do SENAR, além da presença do Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho, parceiro histórico da iniciativa.

Sob a coordenação de João Vitor, supervisor da unidade, os visitantes acompanharam todo o processo de logística reversa das embalagens, desde o recebimento até a destinação ambientalmente adequada. Hoje, o Mato Grosso do Sul conta com oito unidades do Inpev, distribuídas entre Campo Grande, Chapadão do Sul, São Gabriel do Oeste, Rio Brilhante, Dourados, Naviraí e Ponta Porã. Somente a unidade da capital processa entre 55 e 60 toneladas de embalagens por mês, tendo já destinado 450 toneladas apenas neste ano.



O volume, no entanto, vem crescendo em ritmo mais acelerado do que a capacidade instalada. A expansão de culturas como laranja, amendoim e eucalipto na região tem elevado significativamente a demanda por descarte correto de embalagens, criando o que o próprio setor já reconhece como um gargalo operacional. Em discurso durante o evento, o presidente do Sindicato Rural, Eduardo Monreal, destacou a relevância do trabalho e defendeu a ampliação conjunta da estrutura. "É muito importante a gente elaborar, junto com as empresas, políticas para que se aumente essa capacidade e não sobre somente para o produtor depois ter dificuldade para devolver", afirmou.



O dado apresentado por João Vitor reforça por que o tema merece atenção: o Brasil recicla mais de 89% das embalagens de defensivos agrícolas utilizadas em sua produção agrícola, um índice superior ao de boa parte dos países europeus e latino-americanos. É um resultado que coloca o país como referência mundial em logística reversa no campo, mas que depende diretamente da colaboração de cada produtor rural na hora de devolver corretamente cada embalagem vazia.



O dado apresentado por João Vitor reforça por que o tema merece atenção: o Brasil recicla mais de 89% das embalagens de defensivos agrícolas utilizadas em sua produção agrícola, um índice superior ao de boa parte dos países europeus e latino-americanos. É um resultado que coloca o país como referência mundial em logística reversa no campo, mas que depende diretamente da colaboração de cada produtor rural na hora de devolver corretamente cada embalagem vazia.



Para os estudantes do SENAR presentes, a visita teve um valor que vai além da grade curricular. Durante a programação, os alunos do curso técnico em agropecuária puderam observar de perto como as embalagens recicladas ganham nova vida, sendo transformadas em produtos como rolos de papel e canos para condução de fios. "A gente aprendeu bastante em relação a como deve ser feita a reutilização desse produto para não ser descartado na natureza, de uma forma que vai agregar para toda a sociedade", resumiu uma das participantes.



O calendário de recebimento também segue uma lógica própria, ligada diretamente à safra. Segundo João Vitor, dez dos doze meses do ano registram movimento intenso na unidade, com uma pausa natural durante agosto e setembro, período em que o produtor está concentrado na colheita e acaba postergando a devolução das embalagens. Compreender esse ciclo, segundo o supervisor, é essencial para planejar o dimensionamento da estrutura de recebimento nos próximos anos.



Mais do que uma obrigação legal, o descarte correto das embalagens de defensivos representa hoje um indicador direto de responsabilidade ambiental do setor produtivo. Cada embalagem devolvida corretamente é também um compromisso silencioso do produtor rural com a sustentabilidade da atividade que exerce. Diante do crescimento das lavouras na região, a ampliação da capacidade de recebimento deixa de ser apenas uma questão logística e se torna, cada vez mais, uma prioridade estratégica para todo o agronegócio sul-mato-grossense.



Resumo em 3 linhas: No Dia Nacional do Campo Limpo, o InpEV de Campo Grande recebeu produtores, estudantes do SENAR e o Sindicato Rural para mostrar o processo de reciclagem de embalagens de defensivos agrícolas. O evento destacou o crescimento da demanda por descarte, impulsionado pela expansão de culturas como laranja e eucalipto na região, e reforçou a necessidade de ampliar a capacidade operacional das unidades. O Brasil recicla mais de 89% dessas embalagens, um dos maiores índices do mundo.



genial | agro
investimentos

Mesa Agro, Câmbio, Gestão de Recursos,
Consórcio, Gestão de Patrimônio, Comercializadora
de Energia, Seguro e Previdência, Banco
de Investimentos e Administradora de Fundos.



Conheça todos
os benefícios
de ser Genial Agro
e abra sua conta.



Rodrigo De Mundo,
analista de mercado da Scot Consultoria.

Chuvas acima da média devem marcar o Centro-Sul em setembro

Chuvas aumentam no Centro-Oeste e se concentram no Sul, enquanto no Norte e Nordeste continuarão com volumes menores.

Região Centro-Oeste

As chuvas deverão ganhar força em setembro, com volumes maiores que os de agosto, acompanhando a transição do período chuvoso na região. Em Mato Grosso e Goiás, os acumulados deverão ficar entre 40mm e 80mm, com áreas podendo chegar em 80mm e 100mm, principalmente no Sudoeste Goiano.

No Mato Grosso do Sul, a chuva tende a ser mais volumosa e mais bem distribuída. As regiões Norte, Nordeste, Noroeste e o Oeste do estado deverão registrar entre 60mm e 100mm, enquanto o Centro-Sul e o Sudeste poderão acumular entre 80mm e 130mm. No Centro-Sul e Sudeste, os volumes tendem a se aproximar de 100mm a 130mm, podendo alcançar 160mm no extremo Sudoeste do estado. Assim, setembro deverá marcar uma retomada das chuvas.

No estado, a tendência de aumento das chuvas em setembro deverá melhorar a umidade do solo e mudar o cenário típico do fim da seca. Para a soja, isso tende a ser positivo, porque favorece o preparo do solo, o início da semeadura e a emergência das primeiras lavouras. A contrariedade será a regularidade: chuvas isoladas seguidas por dias secos e quentes podem gerar emergência desuniforme e até necessidade de replantio.

No milho segunda safra, o efeito tende a ser mais negativo. A chuva pode interromper a colheita, aumentar a umidade dos grãos e elevar o risco de perda de qualidade. Esse efeito foi observado em agosto, quando precipitações limitaram o avanço da colheita em parte do estado.

No algodão, a preocupação é semelhante. Nas áreas com capulhos abertos e prontas para colher, chuvas frequentes podem reduzir as janelas de operação e prejudicar a qualidade da fibra. Em agosto, pancadas de chuva chegaram a interromper temporariamente a colheita nos Chapadões e na região central.

Para o trigo, a chuva poderá ajudar as lavouras atrasadas que ainda estiverem em enchimento de grãos, mas passa a ser um risco conforme as áreas entram em maturação e colheita. O excesso de umidade pode favorecer doenças fúngicas, incluindo brusone, além de dificultar a colheita e afetar a qualidade dos grãos.

Nas pastagens, o efeito tende a ser favorável. O retorno das chuvas deverá estimular a rebrota das forrageiras e iniciar a recuperação da produção de massa após o período seco. Essa recuperação, porém, não será imediata: o pasto precisa de tempo para recompor folhas e reservas antes de suportar maior pressão de pastejo.

Em resumo, a chuva de setembro tende a favorecer a soja e as pastagens, e pode atrapalhar milho e algodão em colheita. Para o trigo, o efeito dependerá do estágio da lavoura: ajuda as áreas ainda em desenvolvimento, e aumenta os riscos nas áreas próximas da maturação.

Região Norte

Acre e Oeste do Amazonas deverão registrar entre 100mm e 160mm, com pontos podendo alcançar 200mm. Rondônia e o restante do Amazonas tendem a ficar entre 80mm e 130mm. Roraima deverá apresentar variação entre 40mm e 130mm. Norte do Pará, Amapá e Tocantins tendem, em geral, a volumes entre 20mm e 80mm, áreas do Centro-Sul paraense podem alcançar de 80mm a 160mm.

Região Nordeste

A maior parte da região deverá receber entre 0mm e 40mm, ou seja, tempo seco, como de costume para o período. A exceção deve ser o Sul da Bahia, onde os acumulados poderão se aproximar de 80mm a 130mm, ficando acima da média para região.

Região Sudeste

Minas Gerais deverá apresentar volumes entre 20mm e 80mm na maior parte do estado, aumentando para 80mm a 130mm em áreas do Sul, quanto mais ao Sul maiores os acumulados. Espírito Santo tende a receber entre 40mm e 80mm, enquanto o Rio de Janeiro deverá ficar, em geral, entre 80mm e 130mm.

Em São Paulo, os acumulados deverão variar de 80mm a 160mm na maior parte do estado, podendo chegar a 160mm a 200mm no extremo Sul e Sudeste paulista. No estado, assim como em Minas, quanto mais ao Sul maior tendem a ser os acumulados.

Região Sul

Os maiores volumes de chuva do país deverão se concentrar na região, com precipitações bem espalhadas pelos três estados.

No Paraná, os acumulados tendem a ficar na casa dos 200mm na maior parte do estado, assim como em Santa Catarina, onde a previsão indica volumes entre 160mm e 230mm, com menores volumes no litoral, e os maiores na região central.

No Rio Grande do Sul, os acumulados deverão ficar, em sua maior parte, entre 160mm e 230mm. O Sudoeste tende a receber menos chuva, com volumes entre 80mm e 130mm.



Anomalias de Precipitação

Em setembro, o mapa indica um Brasil dividido: chuvas próximas ou abaixo da média em boa parte do Norte e Nordeste e volumes acima da média em parte do Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Os desvios negativos serão mais presentes no Centro-Norte do país, enquanto as anomalias positivas avançarão pelo Centro-Sul, principalmente sobre Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e áreas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Esse padrão tem relação com o El Niño, já configurado em 2026, principalmente nos extremos do país. O fenômeno tende a reduzir a chuva no Norte e Nordeste e aumentar a frequência de sistemas de chuva no Sul, devido ao fortalecimento do jato subtropical e do transporte de umidade em direção ao Centro-Sul. No Centro-Oeste, porém, a influência é menos direta: historicamente a relação entre El Niño e chuva é mais irregular, embora eventos fortes possam favorecer chuvas regulares em Mato Grosso do Sul e parte de Goiás.

Em Mato Grosso do Sul, o mapa mostra predominância de chuva acima da média histórica, com desvios próximos de 50mm. Áreas do Oeste, principalmente próximas ao Pantanal, e alguns pontos do Sudoeste tendem a ficar mais próximos da média.

No Mato Grosso do Sul, o El Niño pode contribuir, mas não explica sozinho essa anomalia positiva. Setembro já marca a transição para o período chuvoso, e o resultado dependerá também da frequência de frentes frias que avancem pelo Sul e alcancem o estado, além do transporte de umidade da Amazônia. Quando esses sistemas encontram maior disponibilidade de umidade sobre o Centro-Oeste, as chuvas tendem a ganhar frequência e abrangência. A própria nota técnica do INPE destaca que, em episódios fortes de El Niño, há tendência de maior regularidade das chuvas em Mato Grosso do Sul.

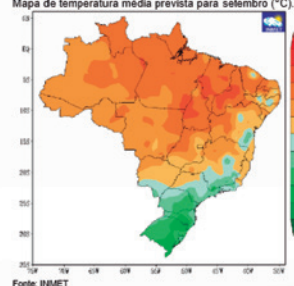
Temperatura

Em setembro, o prognóstico para as temperaturas é semelhante ao de agosto, com temperaturas médias tendendo a permanecer acima do habitual para o período. As anomalias indicam desvios positivos em praticamente todo o país, geralmente entre 0,6°C e 2,0°C a mais. A exceção será o Sul do país, após alguns meses de temperaturas acima da média, apesar do frio, agora tendem a ficar dentro do habitual

As temperaturas médias mais elevadas devem se concentrar no Norte e no Nordeste, com valores predominando entre 27°C e 30°C, a exceção são alguns pontos da Bahia, onde as temperaturas médias tendem a ficar próximas de 22°C. No Centro-Oeste, ficam em torno de 22°C a 27,5°C, mas na maior parte da região as temperaturas médias tendem a ficar próximas ou acima de 25°C. No Mato Grosso do Sul, as temperaturas devem ser mais amenas que no Mato Grosso e em Goiás.

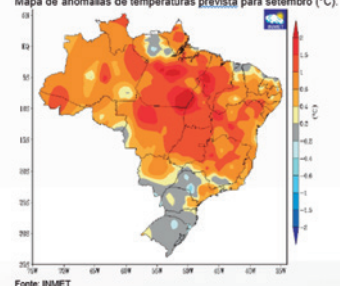
No Sudeste, variam principalmente entre 17,5°C e 25°C, com alguns pontos mais ao Norte podendo superar os 25°C. O frio será mais intenso durante as noites e madrugadas. O Sul concentra as menores médias do país, entre 12°C e 20°C. Para ambas as regiões, quanto mais ao Sul, mais frio.

Figura 3. Mapa de temperatura média prevista para setembro (°C).



Fonte: INMET

Figura 4. Mapa de anomalias de temperaturas prevista para setembro (°C).



Fonte: INMET

El Niño

O El Niño de 2026 segue em fortalecimento. Segundo o IRI, o índice Niño 3.4 atingiu +2,03°C em julho e +2,7°C na leitura semanal de 12 de agosto, indicando um evento que tende a ser classificado como muito forte. Os modelos apontam manutenção do El Niño ao longo do segundo semestre de 2026 e início de 2027, com pico provável entre a primavera e o começo do verão.

Destaque: A previsão para setembro indica avanço das chuvas sobre o Centro-Sul, com destaque para Mato Grosso do Sul, onde os volumes tendem a ficar acima da média. No Norte e Nordeste, predomina um cenário mais seco. O El Niño segue em fortalecimento e deve influenciar a distribuição das chuvas e das temperaturas no país.

Palavras (Tags): clima, previsão do tempo, setembro, chuvas, precipitação, anomalia de precipitação, temperatura, El Niño, Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul, MS, Sudeste, Sul, Norte, Nordeste, agricultura, pastagens, soja, milho, algodão, trigo, Scot Consultoria.

Referências:
COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). Acompanhamento das lavouras - 10/08 a 16/08/2026. Brasília, DF: Conab, 2026. Disponível em: Conab - Acompanhamento das lavouras
INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). Prognóstico climático. Brasília, DF: INMET, 2026. Disponível em: INMET - Prognóstico climático
INTERNATIONAL RESEARCH INSTITUTE FOR CLIMATE AND SOCIETY (IRI). ENSO Forecast: August 2026 Quick Look. New York: Columbia University, 2026. Disponível em: IRI - ENSO Forecast



CBC: o selo que promete unir ciência, produtividade e valorização da carne brasileira

Novo protocolo desenvolvido pela Embrapa em parceria com CNA e Marfrig cria certificação voluntária para bovinos criados a pasto, unindo redução de emissões, aumento de produtividade e valorização comercial da carne brasileira.

O agronegócio brasileiro está prestes a ganhar uma nova ferramenta capaz de transformar exigência ambiental em vantagem competitiva. Trata-se do Carne Baixo Carbono (CBC), protocolo de certificação voluntária desenvolvido pela Embrapa em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Marfrig, apresentado recentemente em evento na Embrapa Gado de Corte.

Diferente de iniciativas anteriores que exigiam a presença de componentes arbóreos, o CBC foi desenhado especificamente para sistemas pastoris e agropastoris — justamente o modelo predominante na pecuária de corte praticada em grande parte do Centro-Oeste.

Na prática, o protocolo propõe algo que interessa diretamente ao bolso do produtor: mostrar, com dados técnicos e auditoria independente, que é possível produzir mais carne por hectare, reduzir a emissão de gases de efeito estufa e aumentar a rentabilidade da propriedade ao mesmo tempo.

Como funciona a certificação

A estrutura do CBC se apoia em três pilares. A Embrapa é responsável pelas diretrizes técnicas e científicas do protocolo. A CNA administra a plataforma Agritrace Animal, onde ficam registrados o cadastro das fazendas, os dados de rastreabilidade e o controle de abate dos animais certificados.

Já a Marfrig atua como parceira comercial licenciada, com exclusividade da marca por dez anos, respondendo pelo abate e pela comercialização da carne certificada.

Para evitar fraudes e garantir credibilidade ao selo, o sistema conta com auditorias independentes, acreditadas pela norma ISO 17065. São avaliados 67 critérios na fazenda e 14 na indústria, sendo 20 deles obrigatórios para a entrada no protocolo. Cada item recebe uma pontuação que varia de -1 (risco crítico) a +1 (excelência), e a fazenda passa por reavaliação a cada dois anos — o que os idealizadores do programa chamam de "escada de conformidade", um estímulo constante à evolução técnica da propriedade.

Atualmente, a plataforma Agritrace já monitora 1,6 milhão de bovinos em protocolos de adesão voluntária, com valorização média de 6,5% sobre o preço da arroba.



Exigências que já fazem parte da rotina de muitas fazendas

Entre os critérios ambientais e sociais, a propriedade precisa estar 100% regularizada com o Código Florestal, com CAR ativo, sem desmatamento em áreas do protocolo após 2008 e livre de pendências trabalhistas. No campo do manejo de solo, é exigido monitoramento georreferenciado do estoque de carbono, vedado o uso de fogo e o revolvimento fora da fase de implantação da pastagem — medidas que reforçam o plantio direto como prática recomendada.

Para as pastagens, o único critério obrigatório é o ajuste de lotação, evitando tanto o pasto rapado quanto o excesso de forragem acumulada. A cobertura do solo deve permanecer entre 70% e 80%, com pontuação máxima para propriedades que mantêm controle rigoroso de invasoras e realizam monitoramento por satélite ou aplicativos de manejo.

Já em relação ao rebanho, o protocolo estabelece que os animais entrem no sistema com até dez meses e sejam abatidos preferencialmente até os 30 meses, com limite de 36 meses para a totalidade do lote. Ao menos dois terços do peso vivo devem ser obtidos a pasto, e o confinamento ou semiconfinamento é limitado a 120 dias — regras que valorizam a engorda a pasto, historicamente um diferencial da pecuária brasileira, ao mesmo tempo em que aceleram o ciclo produtivo.

O que os números mostram

Um estudo de validação conduzido na Fazenda Trijunção, no Cerrado baiano, oferece uma dimensão concreta dos ganhos possíveis. Enquanto o manejo tradicional mantinha taxa de lotação de 0,89 unidade animal por hectare, o sistema CBC alcançou 2,33 UA/ha já no primeiro ano, com desempenho animal por área cerca de 3,2 vezes superior.



A intensidade de emissão de carbono, por sua vez, caiu de 7,29 kg para 5,64 kg de CO₂ equivalente por quilo de carcaça produzida.

O impacto no bolso do produtor também foi mensurado: o manejo dentro do protocolo gerou lucro adicional de R\$ 589,72 por hectare ao longo de dois anos, quase R\$ 300 por hectare ao ano — resultado atribuído principalmente ao aumento de produtividade e à antecipação da entrada dos animais no confinamento em cerca de 180 dias, o que libera área de pastagem mais cedo.

O que esperar a partir de 2026

A adesão ao protocolo deve começar em outubro de 2026, quando o CBC estará disponível na plataforma Agritrace Animal.

A expectativa do setor é que a certificação seja incorporada a políticas públicas como o Plano ABC+ e o Plano Safra, o que poderia significar condições de crédito mais vantajosas para fazendas certificadas — um reconhecimento financeiro ao menor risco ambiental e operacional dessas propriedades.

Para o produtor rural, o CBC representa mais do que uma exigência de mercado: é uma oportunidade de transformar boas práticas já conhecidas — ajuste de lotação, manejo de pastagem, redução do tempo de abate — em um diferencial comercial mensurável e reconhecido internacionalmente. Em um cenário onde consumidores e mercados importadores exigem cada vez mais rastreabilidade e comprovação científica de sustentabilidade, iniciativas como essa colocam o Brasil na posição de protagonista, e não de coadjuvante, na construção das regras que vão nortear a pecuária do futuro.



Eleições, economia e cooperativismo:

os temas que moveram o Encontro Novilho Precoce MS

Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho acompanha painel com o comentarista político Caio Coppolla, que discutiu os impactos do cenário eleitoral de 2026 sobre a pecuária e reforçou o papel estratégico das cooperativas na rentabilidade do produtor.

Em um ano marcado pela proximidade das eleições presidenciais, o setor pecuário sul-mato-grossense buscou antecipar cenários e se preparar para os desdobramentos políticos e econômicos que podem impactar diretamente a atividade no campo. Foi com esse objetivo que a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores de Novilho Precoce (Novilho Precoce MS) promoveu, no dia 3 de agosto, o Encontro Novilho Precoce – Cenário Brasil, realizado no Ondara Master, em Campo Grande. O Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho acompanhou de perto as discussões, reafirmando seu compromisso de manter os produtores informados sobre os principais debates que atravessam o agronegócio.

O evento, voltado exclusivamente aos associados da entidade, teve como convidado o comentarista político Caio Coppolla, que conduziu uma análise ampla sobre o cenário político, econômico e fiscal do país, com atenção especial aos possíveis impactos das eleições de 2026 sobre o setor produtivo. A proposta central da palestra foi ajudar o produtor a compreender as tendências políticas em curso e antecipar como elas podem influenciar decisões de investimento, planejamento e gestão dentro da porteira.

Um dos pontos centrais do encontro foi justamente essa conexão entre política e economia real do campo: como o ambiente fiscal e as movimentações eleitorais afetam diretamente a lucratividade da atividade rural. Para o presidente do Sindicato Rural, Eduardo Monreal, participar desse tipo de discussão é fundamental para que o produtor não apenas acompanhe os movimentos do cenário nacional, mas também se posicione, tanto no campo político quanto no econômico, diante das oportunidades e desafios que se apresentam.

O papel estratégico do cooperativismo

Além do panorama político, a organização do setor por meio de cooperativas e associações de classe também ganhou destaque nas discussões, contando com o apoio institucional de entidades como o Sistema OCB/MS.

Monreal reforçou que a cooperativa funciona como um verdadeiro balizador de preços para o produtor, ampliando o acesso a insumos essenciais como sêmen, sementes, adubo e defensivos agrícolas em condições mais vantajosas. "A cooperativa vem como um balizador do preço, melhorando o acesso dos produtores à compra de insumos", destacou o presidente, ao explicar como essa articulação coletiva se traduz em ganho direto de rentabilidade para quem está na ponta da produção.

Essa lógica de união em torno de interesses comuns dialoga diretamente com o momento vivido pelo setor. Em um cenário de incertezas eleitorais e de pressões fiscais crescentes, a capacidade de organização – seja por meio de sindicatos, associações ou cooperativas – se consolida como ferramenta estratégica para que o produtor rural não fique à mercê das oscilações do mercado nem das decisões tomadas sem sua participação. A presença de lideranças do Sindicato Rural em encontros como este reforça justamente essa filosofia: a de que representar o produtor também significa estar presente nos espaços onde os rumos do agronegócio são debatidos e definidos.

Ao final do encontro, ficou evidente que o momento exige do produtor rural uma postura mais atenta e proativa, capaz de conectar as decisões tomadas em Brasília com os impactos concretos na fazenda. Compreender o cenário político não é mais um exercício acessório, mas uma ferramenta de gestão. E fortalecer o cooperativismo, mais do que uma alternativa econômica, se consolida como estratégia de sobrevivência e crescimento em um setor cada vez mais exposto às variações do contexto nacional.



Podcast **COMITIVA**



 **SRCG**
CAMPO GRANDE
ROCHEDO
CORGUINHO

 Youtube | SRCGMS

 Spotify | SRCGMS





Marcelo Bertoni: representatividade é presença, não reação

Presidente da Famasul e vice-presidente da CNA fala sobre os bastidores da defesa do agronegócio em Brasília, os riscos da escala 6x1, a reforma tributária e o papel da educação na valorização do setor.

Há uma frase que resume boa parte da conversa entre o presidente do Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho, Eduardo Monreal, e o presidente da Famasul e vice-presidente da CNA, Marcelo Bertoni: "Brasília é uma fábrica de decepções às vezes." Dita com bom humor, mas sem ironia, a afirmação deu o tom de um episódio do podcast comemorativo dos 75 anos do SRCG dedicado a discutir como o produtor rural pode — e deve — ocupar espaços de decisão antes que decisões sejam tomadas sem ele.

**"Brasília é uma
fábrica de decepções
às vezes."**

Bertoni, que inicia sua segunda gestão à frente da federação, começou relembrando sua trajetória dentro do movimento sindical rural, iniciada ainda aos 19 anos, quando participou da criação do Movimento Nacional de Produtores em Campo Grande, na mesma época dos conflitos fundiários que marcaram a região. Anos depois, já como produtor, um episódio envolvendo a criação do Parque Nacional da Serra da Bodoquena — quando a promessa de uma Área de Proteção Ambiental se transformou em unidade de proteção integral — o convenceu de que era preciso estar dentro das discussões, não apenas reagir a elas. "Ali eu aprendi que alguém tinha que estar cuidando disso", resumiu.

Essa lógica de presença ativa permeou toda a conversa. Bertoni foi enfático ao afirmar que pautas relevantes para o setor só avançam quando há alguém "empurrando" dentro do Congresso Nacional, citando o exemplo do marco temporal, tema que levou quatro anos de trabalho até ser aprovado, após tentativas frustradas em governos anteriores. Para ele, o desafio está no tamanho da representação: seriam necessários 330 deputados e 41 senadores alinhados ao agro para que muitas pautas deixassem de ficar pendentes — número muito distante da realidade atual da frente parlamentar.

Um dos pontos mais discutidos foi a proposta de redução progressiva da escala 6x1. Bertoni deixou claro que a Famasul não é contrária a mais descanso ao trabalhador, mas defende que o tema seja debatido com profundidade e adaptado à realidade de cada setor, e não decidido de forma genérica em ano eleitoral. Ele lembrou o caso da escala 12x36 adotada por enfermeiras, que, na prática, resultou em profissionais com dois empregos e jornadas ainda mais longas, e alertou que decisões apressadas sobre jornada podem gerar efeito semelhante em atividades como pecuária de leite, agricultura em época de safra e transporte de cargas.

Podcast COMITIVA

Essa preocupação se conecta a outro tema abordado com detalhe: a escassez de mão de obra qualificada, especialmente no transporte rodoviário. Segundo dados citados por Bertoni, o número de motoristas com carteira categoria D caiu de 6,5 milhões para 4,5 milhões em pouco mais de uma década — uma redução de 21%. Para ele, o enrijecimento de normas trabalhistas, somado a mudanças culturais, tem dificultado a tradicional transmissão do ofício de pai para filho, historicamente comum entre caminhoneiros e boiadeiros.

A reforma tributária também entrou na pauta, com Bertoni destacando a insegurança jurídica gerada pela indefinição das alíquotas e pela perda de autonomia dos estados para conceder incentivos fiscais via ICMS — instrumento historicamente usado por Mato Grosso do Sul para atrair indústrias. Sem esse mecanismo, segundo ele, o estado corre o risco de perder competitividade justamente em um momento estratégico, com a expectativa em torno da Rota Bioceânica.

A perda do ICMS como instrumento de negociação ameaça a atração de novas indústrias para Mato Grosso do Sul.



Questões estruturais como o apagão de investimentos em transmissão de energia, a burocracia ambiental que trava obras de infraestrutura e a insuficiência da malha ferroviária brasileira completaram o panorama de desafios apresentados. Em todos esses casos, Bertoni defendeu que o país sofre por aplicar legislações pensadas para realidades de países desenvolvidos, sem considerar as particularidades de uma nação que ainda está consolidando sua estrutura produtiva.

Por fim, a conversa convergiu para um tema caro à Famasul: a educação. Bertoni citou o trabalho do projeto Agrinho, que já impactou mais de 200 mil alunos, e defendeu a importância da parceria com a iniciativa "De Olho no Material Escolar" para corrigir narrativas distorcidas sobre o agronegócio nos livros didáticos. Para ele, a raiz de boa parte do desconhecimento da sociedade urbana sobre o campo está justamente na ausência histórica do produtor em espaços de formação de opinião, como conselhos públicos e discussões pedagógicas.

A mensagem final resumiu o espírito de toda a conversa: não adianta esperar ser chamado para participar. "Não há vácuo no poder", afirmou Bertoni, defendendo que cada vez mais produtores, especialmente os mais jovens, ocupem espaços de liderança antes que decisões que afetam diretamente o campo sejam tomadas sem qualquer interlocução com quem vive da terra.



Assista aos episódios comemorativos dos 75 Anos do SRCG

Quer conhecer mais histórias de liderança, desafios do agronegócio e reflexões sobre o futuro do setor?

Cada episódio reúne conversas profundas com lideranças que ajudaram a construir e continuam fortalecendo o agronegócio brasileiro.



Acesse o canal @SindicatoRuraldeCampoGrande no YouTube e acompanhe todos os episódios da série comemorativa dos 75 anos do Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho.

BENEFÍCIO EXCLUSIVO PARA ASSOCIADOS SRCG

Pronto Atendimento Virtual **App Meu Einstein.**



Após cadastro
realizado no SRCG,
**baixe o app
Meu Einstein**



Google Play



Apple Store



Login

O CPF do paciente é o login padrão.
A senha deve ser alterada após o
primeiro acesso ou clicar em **“Esqueci
minha senha”** e seguir o procedimento
que será enviado no e-mail cadastrado.



Serviço prestado por





O Agro é um só: cooperativismo derruba a falsa divisão entre pequeno e grande produtor

Em entrevista, presidente do Sistema OCB defende que o modelo cooperativista é a prova viva de que agricultura familiar e empresarial caminham lado a lado dentro de uma mesma cadeia produtiva

Existe no debate público uma narrativa recorrente que insiste em dividir o agronegócio brasileiro em dois blocos opostos: de um lado a agricultura familiar, do outro a agricultura empresarial. Para Tânia Zanella, presidente executiva do Sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) e presidente do Instituto Pensar Agropecuária (IPA), essa separação não resiste à realidade do campo. "O Agro é um só, e o cooperativismo é a prova viva e incontestável disso", afirma.

Segundo Zanella, dentro de uma mesma cooperativa agropecuária é comum encontrar o pequeno produtor familiar entregando sua produção lado a lado com o grande produtor empresarial. Ambos compartilham a mesma estrutura de armazenagem, têm acesso à mesma assistência técnica de ponta e negociam com a mesma força de mercado no comércio exterior. "Segregar o setor é um erro conceitual e de comunicação", diz a presidente da OCB.

"O Agro é um só, e o cooperativismo é a prova viva e incontestável disso."

Na prática, o cooperativismo funciona como uma ferramenta de equalização de condições. Um pequeno agricultor familiar, isolado, dificilmente conseguiria comprar insumos de alta tecnologia a preços competitivos ou acessar mercados internacionais. Ao se associar a uma cooperativa, no entanto, ele passa a contar com o mesmo poder de barganha e a mesma eficiência de um grande produtor. "É por meio da cooperativa que democratizamos o acesso à inovação, ao crédito e às melhores práticas sustentáveis. No fim do dia, a terra do pequeno e a do grande estão integradas no mesmo propósito: alimentar o Brasil e o mundo com excelência", resume.

Essa atuação também se estende ao campo institucional. O Sistema OCB trabalha junto ao Congresso Nacional e ao Governo Federal, em parceria com a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e por meio do Instituto Pensar Agro, para embasar tecnicamente políticas públicas como o Plano Safra e os seguros rurais. A defesa é de que políticas de Estado precisam garantir previsibilidade ao produtor rural, independentemente do porte de sua propriedade. "Mostrar que o sucesso do cooperativismo agropecuário gera emprego, renda e dignidade no interior do país é a nossa melhor resposta contra qualquer tentativa de divisão ideológica do nosso setor", afirma.

Primeira mulher a presidir o Sistema OCB, Zanella também lidera o comitê nacional Elas pelo Coop, iniciativa que ela descreve não como um espaço recreativo, mas como uma plataforma de fomento à gestão e aos negócios. "Os nossos grupos de mulheres não se reúnem para atividades recreativas; eles se reúnem para pensar em estratégias de mercado, produtividade e inovação", explica. Para ela, a diversidade de lideranças femininas amplia a visão estratégica das cooperativas e fortalece a governança e a resiliência de toda a cadeia produtiva.

Para quem deseja aprofundar conhecimentos sobre o modelo cooperativista, a OCB disponibiliza a Capacitacoop, plataforma de ensino voltada à qualificação de cooperados e gestores em todo o país.

Resumo em 3 linhas: Em entrevista, a presidente do Sistema OCB, Tânia Zanella, defende que a divisão entre agricultura familiar e empresarial é artificial, já que o cooperativismo integra pequenos e grandes produtores na mesma cadeia produtiva. Ela destaca o papel das cooperativas na democratização do acesso a insumos, crédito e mercados internacionais, além da atuação institucional do setor junto ao Congresso e ao Governo Federal. Zanella também ressalta o protagonismo feminino no cooperativismo através do comitê Elas pelo Coop.



Campo Grande 127 anos Capital do Agro

Como Campo Grande
diversificou sua economia
sem perder as raízes rurais

Enquanto celebra mais um aniversário, a Capital reafirma uma identidade que nunca deixou de existir: mais de 93% do seu território ainda é rural, e é dali que vem boa parte da riqueza que sustenta a cidade.

Campo Grande completou 127 anos em agosto carregando uma particularidade que poucos municípios brasileiros de perfil metropolitano conseguem ostentar: apesar de abrigar quase um milhão de habitantes e de ter um horizonte cada vez mais urbano, a cidade continua sendo, na essência, uma extensão do campo. Levantamento do Departamento Técnico do Sistema Famasul, com base em dados do Sistema de Cadastro Ambiental Rural, mostra que 2.823 propriedades rurais ocupam 754,2 mil hectares do município — um retrato que ajuda a explicar por que a história de Campo Grande e a história do agronegócio sul-mato-grossense são, na prática, a mesma narrativa.

A origem da cidade remonta ao fim do século 19, quando a fartura de pastagens naturais do Cerrado atraiu as primeiras fazendas e deu início à criação de bovinos na região. As comitivas que cruzavam o território levando gado para outros mercados acabaram gerando, ao redor de si, hospedarias, armazéns e um comércio incipiente que se transformaria, com o tempo, no núcleo urbano da futura Capital.

O divisor de águas, no entanto, veio em 1914, com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A ferrovia conectou Campo Grande diretamente aos grandes centros consumidores do Sudeste, sobretudo São Paulo, e mudou de forma definitiva a lógica econômica da região. Segundo a coordenadora do Departamento Técnico do Sistema Famasul, Tamiris Azoia, a ferrovia foi decisiva para consolidar a cidade como um entreposto comercial da pecuária, atraindo novas atividades produtivas para perto dos trilhos e fortalecendo o elo entre o campo e os centros consumidores. Ao redor da atividade pecuária, pequenas lavouras de milho, arroz, feijão, mandioca e hortaliças garantiam o abastecimento da população que se instalava na região — um ciclo que, guardadas as devidas proporções, ainda hoje molda parte da relação entre a cidade e o entorno rural.

Da monocultura pecuária à diversificação produtiva

Se por décadas a pecuária foi praticamente sinônimo da economia rural de Campo Grande, o retrato atual é bem mais plural. Os números do Sistema Famasul mostram que a área de pastagens no município caiu de 583,1 mil hectares em 2010, quando representava 72% do território, para 396,2 mil hectares atualmente, equivalentes a 49% da área municipal. Essa redução, contudo, não significa perda de relevância da pecuária, e sim um processo de modernização: investimentos em genética, nutrição animal e manejo de pastagens permitiram produzir mais em áreas menores, um movimento semelhante ao que especialistas em recria e engorda de bovinos têm defendido em diferentes fóruns do setor, ao apontar que o tempo de permanência do animal na propriedade é hoje tão importante quanto a extensão da área disponível.

Enquanto isso, outras cadeias produtivas ocuparam o espaço aberto pela pecuária. A soja, que ocupava apenas 15,4 mil hectares em 2010, avançou para 142,5 mil hectares em 2025. O cultivo de milho, milheto e sorgo na segunda safra já ocupa quase 90 mil hectares, e a área de eucalipto saltou de 9,1 mil para 66,9 mil hectares no mesmo período. Para o presidente do Sistema Famasul, Marcelo Bertoni, essa transformação mostra que a relação entre a cidade e o campo ganhou novas camadas: de uma economia concentrada na pecuária, Campo Grande passou a abrigar cadeias importantes ligadas a grãos, produção florestal, agroindústria e serviços especializados, ampliando a geração de renda no município.

O impacto dessa diversificação aparece com clareza nos números do comércio exterior: em 2025, cerca de 98% das exportações da Capital tiveram origem no agronegócio, somando US\$ 758,1 milhões, dos quais 82,5% vieram da venda de carnes ao mercado internacional. São números que reforçam por que decisões sobre política agrícola, infraestrutura logística e sanidade animal, discutidas em âmbito nacional e internacional, repercutem diretamente na economia da Capital.

Tecnologia, pesquisa e novas fronteiras de negócio

A proximidade entre zona rural e zona urbana, somada à concentração de universidades, institutos de pesquisa e entidades do Sistema S, coloca Campo Grande em posição privilegiada para se tornar um polo de inovação aplicada ao campo. Mecanização, monitoramento climático, automação e agricultura de precisão já fazem parte do dia a dia de boa parte das propriedades rurais do município, um caminho que tende a se intensificar nos próximos anos. Para o secretário municipal de Meio Ambiente, Gestão Urbana e Desenvolvimento Econômico, Turístico e Sustentável, Ademir Silva Junior, o fato de existir um grande mercado consumidor praticamente ao lado das propriedades rurais cria oportunidades concretas: encurtar cadeias de distribuição, fortalecer a agricultura familiar e ampliar a agroindustrialização, fazendo com que uma parcela maior do valor gerado pela produção permaneça na própria cidade. Nessa direção, a Prefeitura aponta como prioridades a ampliação da assistência técnica, o fortalecimento de agroindústrias, o incentivo ao associativismo e ao cooperativismo, a melhoria da infraestrutura rural e a criação de novos canais de comercialização.

Atividades como citricultura, piscicultura, apicultura, produção orgânica, bioinsumos e turismo rural surgem como possibilidades de diversificação ainda pouco exploradas, mas que podem ganhar espaço à medida que a Capital consolida sua vocação de conectar produção, tecnologia e mercado consumidor. A expectativa em torno da Rota Bioceânica reforça esse movimento, ao ampliar as possibilidades de atração de centros de distribuição, operadores logísticos e empresas de tecnologia para a região.

Mais de um século depois de nascer ao redor das comitivas de gado, Campo Grande segue reafirmando uma vocação que atravessa gerações. A cidade que um dia foi apenas ponto de passagem para o boi rumo a São Paulo hoje reúne pesquisa, indústria e serviços especializados sem abrir mão de sua identidade mais antiga: a de uma capital que nasceu do campo e que, mesmo diversificando sua economia, continua dependendo dele para crescer.





Como as escolas do campo formam a próxima geração de produtores rurais

Encontro reúne oito unidades de ensino de Campo Grande para compartilhar projetos que unem sala de aula, produção e empreendedorismo, com apoio direto do Sindicato Rural na formação de crianças que vivem no meio rural.



Em uma escola cercada por chácaras, na região conhecida como Chácara das Mansões, cerca de 340 alunos aprendem algo que dificilmente está nos livros didáticos tradicionais: como transformar limão em sabão, milho em receita de família e a própria vivência no campo em fonte de renda. A Escola Municipal Artes Novaes Caminha sediou a quinta edição de um encontro que reúne as oito escolas do campo de Campo Grande para uma troca de experiências que vem ganhando corpo ano após ano, com apoio técnico da Rede Municipal de Ensino e parceria direta do Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho.

A proposta é simples de descrever, mas ambiciosa em seus objetivos: evitar que a educação formal afaste a criança de sua origem rural. Segundo a diretora da escola anfitriã, Marina, e a coordenadora pedagógica Anabel, cada unidade participante tem uma identidade própria, moldada pela comunidade em que está inserida.

Há escolas próximas a comunidades quilombolas, outras cercadas por pequenas chácaras e produtores familiares, e duas que já funcionam em tempo integral com foco agrícola, incluindo manejo de animais acompanhado por médico veterinário.

Na Artes Novaes Caminha, os projetos avançam por faixa etária e crescem em complexidade. O grupo infantil cuida do Projeto Borboleta, os alunos do 1º ano trabalham com hortas de microverdes, o 2º ano se dedica ao Projeto Girassol, e o 3º ano já opera uma horta hidropônica. A partir do 4º e 5º anos, entra em cena a frente de empreendedorismo: sabão feito à base de limão-rosa colhido na própria escola, sal aromatizado, repelente natural e oficinas de culinária com milho, conduzidas por professores que transformam a colheita em aula prática de gastronomia regional. Já entre o 6º e o 9º ano, os estudantes trabalham com produção de kefir.





Mais do que ensinar uma técnica, a escola aposta em fechar o ciclo econômico daquilo que é produzido. Uma vez por mês, os alunos levam parte dos produtos para vender na feira comunitária local, enquanto outra parte é doada para que os moradores conheçam e se apropriem das técnicas aos poucos. "Eles ficam encantados: agora eu já posso vender", relata a coordenadora, ao descrever a reação das crianças após perceberem que aquilo que aprenderam em sala tem valor comercial real.



Esse aprendizado tem uma camada adicional de identidade regional: uma trilha ecológica dentro da escola reúne espécies nativas do Cerrado, como araticum, mangaba e guavira, usadas para reforçar noções de preservação e também de uso tradicional como erva medicinal, sempre com orientação técnica para evitar uso inadequado.



Para viabilizar essa estrutura, a escola mantém parcerias com a Universidade Federal, o SENAR, a Agraer e o Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho. A relação com o sindicato, segundo a coordenação pedagógica, tem sido decisiva: após a pandemia, quando a horta da escola estava praticamente desativada por falta de insumos, foi o apoio da entidade que permitiu retomar as atividades. "Foi maravilhoso, ganhamos muita coisa. Eles nos deram um pontapé inicial", resume Anabel.



A superintendente de gestão e normas da Secretaria Municipal de Educação, Clarice Cassol, reforça que o objetivo por trás de cada encontro é o mesmo: impedir que a criança do campo veja na cidade a única alternativa de futuro. "Se ele conseguir produzir aqui, ter aquela renda familiar com a horta, com frutas, com pequenas coisas, ele consegue sobreviver no campo mesmo", afirma, destacando que o modelo prioriza a agricultura familiar em pequena escala, não a produção industrial.

Ao final do encontro, ficou evidente que a iniciativa vai além de uma atividade extracurricular. Trata-se de uma estratégia concreta de retenção de talento e cultura rural, formando desde cedo cidadãos que enxergam no campo não apenas onde nasceram, mas onde podem construir um futuro.

Resumo em 3 linhas: Oito escolas do campo de Campo Grande se reuniram na Escola Municipal Artes Novaes Caminha para trocar experiências de projetos que unem educação, produção artesanal e empreendedorismo rural. Com apoio do Sindicato Rural, SENAR, UFMS e Agraer, os alunos produzem itens como sabão, sal e kefir, vendidos em feiras comunitárias. A iniciativa busca fortalecer a identidade rural das crianças e evitar o êxodo para os centros urbanos.

PROTEÇÃO E SEGURANÇA para quem vive do campo



CUIDE BEM DO QUE É IMPORTANTE PARA VOCÊ.

Com o Seguro de Vida da **Icatu Seguros**, você e sua família podem aproveitar todos os momentos com proteção e segurança.



O QUE É O SEGURO DE VIDA?

O Seguro de Vida é uma **segurança financeira** para que você possa viver com tranquilidade em todas as fases da vida. Ele proporciona uma indenização em dinheiro em situações inesperadas, como acidentes que o impeçam de trabalhar ou mesmo em casos de morte.

Essa indenização pode ser usada para ajudar a cobrir despesas adicionais, mantendo o seu conforto e da sua família durante momentos desafiadores.

O **Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho** em parceria com a **Icatu Seguros** oferece um seguro de vida flexível, acessível e completo para você e sua família.

- ✓ Coberturas personalizáveis
- ✓ Proteção em vida (invalidez, doenças graves, etc.)
- ✓ Assistência viagem e funeral
- ✓ Segunda Opinião Médica Internacional
- ✓ Contratação até 70 anos

Idade do Associado	Capital Contratado	Associado Titular (Valor na Contratação)	Titular + Cônjuge (Valor na Contratação)
18 - 35 anos	R\$ 100.000,00	R\$ 42,09	R\$ 55,49
36 - 40	R\$ 100.000,00	R\$ 51,43	R\$ 65,69
41 - 45	R\$ 100.000,00	R\$ 66,68	R\$ 83,67
46 - 50	R\$ 100.000,00	R\$ 81,17	R\$ 102,74
51 - 55	R\$ 100.000,00	R\$ 128,81	R\$ 157,99
56 - 60	R\$ 100.000,00	R\$ 186,47	R\$ 229,03
61 - 65	R\$ 100.000,00	R\$ 276,87	R\$ 343,04
66	R\$ 100.000,00	R\$ 232,80	R\$ 311,26
67	R\$ 100.000,00	R\$ 259,57	R\$ 347,05
68	R\$ 100.000,00	R\$ 289,42	R\$ 386,96
69	R\$ 100.000,00	R\$ 322,70	R\$ 431,46
70	R\$ 100.000,00	R\$ 359,81	R\$ 481,08

Faça sua adesão!
Setor de Cadastro:
(67) 9 9618-7959
(67) 3341-2151



Aniversariantes do mês setembro

Adail Jose Chiquito	10/09
Andre Ribeiro Correa	24/09
Antonio de Moraes Ribeiro Neto	27/09
Atalibio Nunes de Oliveira	01/09
Carla Busato Zandavalli	21/09
Claudio Afonso Dias da Motta	10/09
Daisy de Fatima Nogueira Santos Metello	23/09
Dirceu Barbosa Fachini	28/09
Edilson Tolentino	29/09
Edvaldo Mendes Pereira	05/09
Eliza Yule	21/09
Elze Katzemvadel Moroz	07/09
Emilson Jose Tolentino	29/09
Euclides Damiani Pedrinola	06/09
Genetica Aditiva Agropecuária Ltda	17/09
Geraldo Majella Pinheiro	24/09
Joao Carlos Zanoni	27/09
Joel Ferreira da Cunha	8/09
Jorge Luiz Arguello	26/09
Jose Lemos Monteiro	09/09
Luiz Felipe Ribeiro Orro	06/09
Maria de Oliveira Sant'Anna	05/09
Maria Nadir Barbosa Santos Coelho	06/09
Natanael Ribeiro Cintra	01/09
Rayane Mayumi Brasil Kurosi Stefanello	20/09
Rodolfo Vaz de Carvalho	07/09
Roque Fachini Filho	13/09
Taynara Andrade do Nascimento	01/09
Thais Gouvea Assumpção Braga	15/09
Vitor Manoel Rochinha Gaspar	10/09
Wilson Ferreira Rocha	13/09



Agenda de Cursos

01/09/2026 a 03/09/2026

NR 31.5 – Formação de Membros da CIPATR – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho Rural
SRCG

02/09/2026 a 02/09/2026

Boas Práticas para Serviços de Alimentação
SRCG

03/09/2026 a 05/09/2026

Instalação de Cerca Elétrica
Fazenda Pontal

08/09/2026 a 09/09/2026

Operação de Aeronave Remotamente Pilotada (Drone) - Módulo I
SRCG

08/09/2026 a 09/09/2026

Cultivo de Mandioca
Presídio da Gameleira

08/09/2026 a 11/09/2026

Corte e Costura Básico
Assentamento Pira Parque

09/09/2026 a 10/09/2026

Primeiros Socorros
SRCG

10/09/2026 a 11/09/2026

Fundamentos da Utilização de Drones como Tecnologia de Precisão no Agronegócio – Módulo II
SRCG

14/09/2026 a 16/09/2026

Processamento da Banana
SRCG

14/09/2026 a 15/09/2026

Produção de Bolos e Biscoitos Caseiros
SRCG

14/09/2026 a 16/09/2026

Conserva de Frutas
SRCG

14/09/2026 a 16/09/2026

Administração da Empresa Rural
Parceira UCDB

15/09/2026 a 15/09/2026

Boas Práticas para Serviços de Alimentação
SRCG

18/09/2026 a 19/09/2026

Casqueamento e Manutenção de Cascos de Equídeos
SRCG

21/09/2026 a 24/09/2026

Educação Socioemocional
SRCG

21/09/2026 a 23/09/2026

Equideocultura – Equitação
SRCG

21/09/2026 a 22/09/2026

Primeiros Socorros
SRCG

23/09/2026 a 24/09/2026

Casqueamento e Manutenção de Cascos de Equídeos
4º Expoequestre
Parque de Exposições Laucídio Coelho

23/09/2026 a 24/09/2026

Boas Práticas Agropecuárias na Equideocultura
4º Expoequestre
Parque de Exposições Laucídio Coelho

24/09/2026 a 24/09/2026

NR 31.7 – Atualização – Prevenção de Acidentes com Defensivos Agrícolas, Aditivos, Adjuvantes e Produtos Afins
SRCG

28/09/2026 a 29/09/2026

Floricultura – Árvores, Arbustos e Coníferas
SRCG

28/09/2026 a 29/09/2026

Primeiros Socorros
SRCG

28/09/2026 a 29/09/2026

Operação e Manutenção de Roçadeira
Assentamento Três Corações

30/09/2026 a 01/10/2026

Manejo Nutricional de Galinhas Poedeiras
P.A. Vista Alegre



CLASSIFICADOS

Carlos Salles dos Santos (casado e com 2 filhos) - (18) 99676-3914 / Procura vaga de emprego para serviços gerais, caseiro, jardinagem ou campeiro

Jairso de Vasconcellos (solteiro) - (67) 99255-0574 / Procura vaga de emprego para tratorista. Tem experiência na carteira e referências

Eber Malheiro Nunes (casado e tem 2 filhos) - (67) 99917-3294 / Procura vaga de emprego para capataz. A mulher também procura emprego, tem experiência com cozinha e organização de sede

Rafael Nogueira Gonçalves de Almeida (casado e com 3 filhos) - (67) 99244-6491 / (67) 99891-5926 / Procura vaga de emprego para caseiro ou serviço gerais em chácara ou fazenda. A esposa irá acompanhar e também procura emprego

Nicolli da S. Souza (casada e sem filhos) - (67) 99134-6504 / Procura vaga de emprego para analista de recursos humanos

Erike Antônio Gonçalves Coene (casado e sem filhos) - (67) 99607-9721 / Procura vaga de emprego para operador de máquinas, motorista. Tem mais de 10 anos de experiência na área. A mulher também procura emprego como cozinheira ou ajudante de cozinha

Zilvan Pereira Luna (solteiro e sem filhos) - (67) 99681-3800 / Procura vaga de emprego para auxiliar de veterinário

Marcelo Carrilho Oliveira Lima (casado e sem filhos que acompanham) - (67) 99645-3403 / Procura vaga de emprego para administrador de agropecuária

Produtor, está precisando contratar mão de obra?

Entre em contato com o sindicato, preencha nosso formulário que colocaremos em nossas redes sociais para auxiliá-lo nesta busca.

ANUNCIE AQUI E SEJA VISTO!

ENTRE EM CONTATO

67 3341.2151

Acesse nosso site



www.srcg.com.br

Siga-nos nas redes sociais
@sindicatordruralcg

SRCG
CAMPO GRANDE
ROCHEDO
CORGUINHO





Contatos:

(67) 3341-2151 | 3341-2696

srcg@srcg.com.br

Rua Raul Pires Barbosa, nº 116 Miguel Couto
Campo Grande/MS – Cep 79031-010